

## UM CORAÇÃO CLEMENTE

W.W. MEADE

Esta manhã, eu estava com pressa de chegar em casa após realizar algumas pequenas tarefas na rua. Ao dobrar à direita para entrar no meu bairro, que fica um pouco escondido por trás de arbustos, um garotinho de camiseta amarela passou como um raio na frente de meu carro. Estava de pé, equilibrado sobre os pedais da bicicleta vermelha, as pernas trabalhando como bombas hidráulicas, ignorando por completo a minha existência - ou a existência de qualquer perigo -, seguríssimo por trás da invencível imortalidade de um menino.

Ele passou, literalmente, a centímetros de meu para-choque. Pisei violentamente no freio, um reflexo físico sem nexos - uma vez que ele já se fora, há muito. Eu tremia e levei algum tempo para recuperar o fôlego. Em um terrível instante, a vida daquele menino poderia ter terminado. Seus pais teriam passado o resto da vida com uma imensa dor e a minha própria vida teria se transformado num pesadelo.

Continuei pela rua, lembrando o rosto do menino. Sob a lente de aumento de meu medo, podia visualizar, claramente, os olhos arregalados num misto de bravata e de pavor, o sorriso desdenhoso, iluminado por mais um triunfo sobre o enfadonho mundo da preocupação adulta. Ele era tão admiravelmente vigoroso, de tal forma intrépido, que o meu choque em quase tê-lo matado foi imediatamente substituído por raiva, beirando a ira.

Transtornada de fúria - com a falta de atenção dele, não com a minha -, fui para casa. A agitação causada por quase ter atropelado aquele menino me perturbou pelo resto do dia.

Então, no crepúsculo, lembrei-me de Mikey.

Quando era pequena, Mike Roberts era meu melhor amigo. Meu pai era médico numa cidadezinha ao longo do rio Ohio e meus pais eram muito próximos dos de Mike. Na realidade, a casa deles ficava a um terreno baldio de distância da clínica de papai.

Mikey, como o chamávamos, era aventureiro e audacioso.

Sua mãe, Judy, era muito afável conosco, as crianças, e fazia os melhores biscoitos de manteiga de amendoim do universo.

Jamais trancavam as portas e eu tinha toda a liberdade naquela casa.

Numa sexta-feira, minha mãe planejava ir a Cincinnati fazer compras e disse que eu deveria passar o dia na casa dos Roberts. Judy estava à minha espera. Não era para eu me empanturrar de biscoitos ou andar de bicicleta na rua.

Quando ela saiu naquela manhã, parti de bicicleta para a casa dos Roberts. Estava a uns cinquenta metros da curva que levava à rua de Mikey quando ouvi um barulho que, às vezes, ainda ouço em meus sonhos. Era o feroz guincho de pneus quando alguém pisa no freio com tudo. O som me pareceu durar uma vida, embora, em retrospecto, tenha certeza de que se calou rapidamente. Seguiu-se então o barulho estridente de metal sendo

esmagado. Como um relâmpago, parti em minha bicicleta e dobrei a esquina à toda.

Havia um caminhão quase emborcado na rua. Um pouco à frente do para-lama via-se a Schwinn vermelha de Mikey de tal forma retorci da, que parecia a metade de uma bicicleta, os dois pneus agora achatados, um contra o outro.

Mikey estava deitado na grama com um brutamontes curvado sobre ele. Saltei da bicicleta, deixei-a cair e corri para o local onde o meu amigo se encontrava, silencioso e imóvel sobre um tapete de folhas. No mesmo instante, a porta da frente da casa dele se abriu e sua mãe saiu. Acho que nunca vi alguém correr tão rápido. Ao mesmo tempo surgiu uma maca de dentro da clínica de meu pai, seguida de papai e de um ajudante.

Uma multidão se formou, imediatamente. Judy ajoelhou-se ao lado da cabeça de Mikey. Papai disse a Judy que não mexesse no filho e se curvou para examiná-lo. O motorista do caminhão deixou-se cair sentado, pesadamente, a alguns metros dali. Devia pesar mais de noventa quilos.

Tinha ombros largos e arredondados e um pescoço grosso com rugas profundas que luziam com gotas de suor. Usava um macacão azul e uma camisa quadriculada de vermelho.

Ficou sentado no gramado como um touro atordoado. A cabeça repousava nos joelhos dobrados e os ombros tremiam, embora eu não achasse que estivesse chorando.

Cravei os olhos naquele homem, tentando fazê-lo sentir a quão fula eu estava. Aposto que não estava prestando atenção, pensei. Uma falha bastante comum entre os adultos que eu conhecia. Muitas vezes me davam a impressão de desatenção e este daqui havia machucado o meu amigo. Eu sentia vontade de machucá-lo de volta de alguma forma indizível.

Dali a alguns minutos, Mikey voltou a si e desatou a chorar.

Meu pai o imobilizou numa padiola e colocou-o sobre a maca. Judy pegou a mão de Mikey e todos avançaram para a entrada de emergência da clínica. Fui deixada a sós com o motorista de caminhão, que agora se encontrava sentado com a cabeça baixa sobre os braços cruzados. Seu corpo ainda tremia, como se estivesse com calafrios.

Ficamos ali sentados em silêncio durante o que me pareceu ser uma eternidade. Então Judy saiu pela entrada principal da clínica e caminhou em nossa direção. Relatou que Mikey ficaria bem. Só machucara o braço. Poderia ter sido muito pior.

Achei que ela, certamente, acertaria um tapa na cara do caminhoneiro ou que, pelo menos, falaria com ele de maneira severa. Mas o que ela fez, de fato, me deixou perplexa. Pediu-lhe que a acompanhasse até a sua casa.

- E você também - disse, dirigindo-se a mim.

Perguntou ao motorista seu nome e disse-lhe que se acomodasse diante da lareira, que ia buscar um café. Ele ergueu a mão dispensando a oferta, mas ela trouxe o café ainda assim além de leite e de biscoitos para mim. Stan, o motorista, não conseguia comer ou beber nada. Permaneceu sentado na poltrona azul, preenchendo-a por completo. De vez em quando começava a tremer e Judy passava o braço por cima de seu ombro e lhe dizia, com aquela voz maravilhosamente suave:

- Você não teve culpa. Não estava em alta velocidade.

Mikey se arrisca estupidamente e eu sinto muito quanto a isso.

Só fico grata por ele não ter se ferido gravemente. Eu não o culpo. E você também não deveria se culpar.

Escutei o que ela dizia, incrédula. Como podia ela dizer aquelas coisas para um homem que quase matara o seu filho, o meu amigo? O que poderia haver de errado com ela? Dali a pouco, ela conseguiu acalmar o motorista um pouco - pelo menos foi o que achei - e ele se levantou para ir embora.

Ao chegar à porta, virou-se para ela e disse:

- Eu também tenho um filho. Imagino o que deve ter lhe custado me ajudar.

Então, só para acrescentar mais um assombro ao dia, Judy ficou na pontinha dos pés e beijou-lhe a face.

Eu jamais conseguira compreender como Judy fora capaz de oferecer alívio e consolo para um homem que não havia matado o seu filho por muito pouco... até hoje, quando fiz a curva para entrar naquele bairro tão familiar e passar a centímetros daquilo que teria sido um ato terrível e irreversível.

Ainda tentando me livrar do pavor que ocupara a minha mente o dia todo, pensei na mãe de Mikey e naquele dia de outono, há tanto tempo. E muito embora não houvesse ninguém ali para me consolar, para me dizer que não havia sido minha culpa, que coisas ruins acontecem por mais cuidado que se tenha, as recordações daquele dia transpuseram o tempo para me ajudar.

A empatia daquela mãe, assim como todas as dádivas concedidas por bondade, jamais deixou o mundo e pôde ser convocada para consolar e curar. E assim continuará a ser... quem sabe, para sempre.